

Uma Crítica Anarquista do Horizontalismo



mark bray

O presente texto foi publicado originalmente na coleção
Anarchism: A Conceptual Approach from Routledge,
lançado em 2018, em Nova York pela editora Routledge.

Mark Bray é historiador e militante anarquista, autor de
livros como *Manual Antifa* (2019) e *Translating
Anarchy: The Anarchism of Occupy Wall Street* (2013).

Para outros materiais para ler, imprimir e muitas outras
ferramentas, visite:

faccaoficticia.noblogs.org

Horizontalismo: Anarquismo, Poder e o Estado

As décadas que se seguiram à queda do Muro de Berlim, em 1989, testemunharam um ressurgimento histórico da política federalista, diretamente democrática, entre os movimentos sociais globais, numa escala inédita desde as primeiras décadas do século XX. Dos zapatistas e magonistas do sul do México, ao movimento por justiça global, aos movimentos de praças da Praça Tahrir, 15M (15 de maio), Occupy, Gezi Park e muitos outros ao redor do mundo, até Black Lives Matter, podemos ver o poderoso impacto do estilo de organização orientada para a ação direta, autônoma e sem liderança¹, que caracterizou a resistência de baixo durante essa era. Alguns dos grupos e indivíduos que compuseram esses movimentos foram direta ou indiretamente influenciados pelo duradouro legado antiautoritário do anarquismo, cuja popularidade internacional aumentou nas últimas décadas, em conjunção com o aumento do interesse pela política federalista e anticapitalista. Muitos mais, no entanto, chegaram a rejeitar a política partidária hierárquica do comunismo autoritário não como resultado de uma influência explicitamente ideológica, mas sim porque as ocupações, as assembleias populares e a tomada de decisão por consenso foram amplamente consideradas como as formas de luta mais ética e estrategicamente apropriadas, dadas as condições existentes. Tal foi o caso da maioria dos argentinos que se levantaram para ocupar seus locais de trabalho e organizar assembleias de bairro na esteira da crise financeira de 2001.

¹ Por “sem líder”, Occupy e outros realmente se referiram à ausência de liderança institucional, não à ausência daqueles que lideram. Daí a mudança que alguns fizeram em direção ao termo “leaderful”, que implicava que, em um movimento horizontalista, qualquer um poderia se tornar um líder se envolvendo.

Dessa rebelião popular contra o neoliberalismo veio o termo “horizontalismo” (horizontalidad). Embora esse termo escorregadio signifique coisas ligeiramente diferentes para pessoas diferentes, ele geralmente denota uma forma de construção de movimento “sem líder”, autônomo e diretamente democrático, cujos adeptos o consideram não-ideológico. Desde a insurreição argentina, o termo “horizontalismo” se estabeleceu como o rótulo dominante para essa forma amorfa de organização diretamente democrática que varreu o mundo.

Certamente o horizontalismo e o anarquismo se sobrepõem em sua defesa da organização autônoma federal, diretamente democrática, organização autônoma orientada para a ação direta. Muito antes do colapso do bloco soviético, anarquistas protestavam contra os efeitos deletérios inerentes à hierarquia e à liderança autoritária, enquanto construía modelos federais de autogestão em larga escala sob a forma de sindicatos anarcossindicalistas com membros de centenas de milhares, ou mesmo acima de um milhão no caso da CNT espanhola nos anos 1930. Em alguns casos, como a CGT francesa no início do século 20, os sindicalistas anarquistas endossaram a criação de sindicatos revolucionários não-sectários que poderiam agrupar a classe trabalhadora além das divisões políticas (Maitron 1992, 326; Maura, 1975, 495). Não surpreende que muitos anarquistas tenham se unido aos movimentos de massa horizontalistas das décadas passadas para salvaguardar e promover suas tendências antiautoritárias. A proximidade intensa que existe entre essas duas correntes levanta algumas questões importantes: o horizontalismo é meramente um novo nome para o anarquismo? Eles são basicamente a mesma ideia disfarçada por histórias diferentes? Dado um nível tão alto de sobreposição, estamos simplesmente discutindo sobre semântica se insistirmos numa distinção entre os dois?

Para responder a esta pergunta, vou fazer uma distinção entre “horizontalismo”, que eu uso como um termo historicamente específico para demarcar a onda de mobilização popular diretamente democrática que surgiu nas últimas décadas, e “horizontal”, que uso como um descritor analítico para descrever qualquer forma de atividade

não hierárquica, independentemente do contexto. Uma vez que esta distinção é desenhada, é evidente que, embora o anarquismo seja inerentemente horizontal, o horizontalismo histórico dos últimos anos é uma entidade fluida que ocasionalmente promove valores e ideias que estão em desacordo com o anarquismo como resultado de sua ideologia minimalista, “anti-ideológica”. Embora alguns anarquistas e outros tenham caracterizado o anarquismo como “anti-ideológico”, a história do movimento mostra que a maioria de seus militantes e teóricos a via como uma doutrina sólida, embora flexível, ancorada em um conjunto de princípios antiautoritários. Isso contrasta fortemente com a predominante tendência pós-moderna dos proponentes do horizontalismo em vê-lo como um conjunto maleável de práticas desconectadas de qualquer centro político específico. Esse enfoque “anti-ideológico” na forma sobre o conteúdo, ou seja, sua ênfase em como as decisões são tomadas sobre o que é decidido, criou tensões significativas no contexto do horizontalismo popular mais ou menos espontânea para anarquistas que apoiam a organização de massa e esperançoso sobre as aberturas políticas proporcionadas por tais movimentos. Como o horizontalismo tenta se divorciar da ideologia, suas estruturas e práticas são suscetíveis à ressignificação em direções decididamente não horizontais, como a participação no governo representativo.

É importante esclarecer que esta crítica da “anti-ideologia” do horizontalismo se aplica a movimentos populares essencialmente espontâneos, onde milhares de pessoas aleatórias de repente se envolvem em democracia direta umas com as outras pela primeira vez, não em exemplos como os Zapatistas do sul do México, cujas práticas horizontais se desenvolveram lentamente ao longo de gerações e estavam inextricavelmente ligadas a valores amplamente compartilhados. Quando as assembleias surgem sem a oportunidade de crescimento e desenvolvimento tão consistentes, sua falta de ideologia formal reduz enormemente as barreiras à entrada de uma massa de pessoas desagregadas e descontentes, mas também torna inconstante o conteúdo e a trajetória do movimento. A suposição horizontalista

implícita de que os mecanismos horizontais de tomada de decisão são suficientes para produzir resultados igualitários contrasta fortemente com o compromisso anarquista com as práticas horizontais e os resultados anti-opressivos. Isso demonstra que, embora o anarquismo seja horizontal (no sentido analítico, e não no senso historicamente específico do termo), e o horizontalismo seja anarquista (significando que contém muitos dos traços do anarquismo), o horizontalismo e o anarquismo não são idênticos.

Horizontalismo

No final de 2001, uma rebelião espontânea irrompeu na Argentina quando o governo decidiu congelar contas bancárias para evitar uma crescente crise financeira precipitada pela privatização imposta pelo FMI e pelas medidas de austeridade dos anos 90. Em menos de duas semanas, as mobilizações populares derrubaram quatro governos. Contra as maquinações hierárquicas da elite política, os movimentos sociais organizavam assembleias de bairro democráticas e ocupações no local de trabalho em torno de princípios que estavam cada vez mais encapsulados no conceito de horizontalismo. Os locais de trabalho ocupados forjaram redes de ajuda mútua e assembleias formadas localmente antes de estabelecer organismos inter-bairros de democracia direta, guiadas tanto pelo sentimento quanto pela prática de tomada de decisão por consenso. Essa insurreição foi eminentemente prefigurativa, uma vez que procurou incorporar a sociedade que desejava em suas práticas cotidianas. Como Marina Sitrin (2006, p. 4) argumenta em seu influente *Horizontalismo: Vozes do Poder na Argentina*, o horizontalismo “é desejado e é uma meta, mas também é o meio – a ferramenta – para atingir esse objetivo”. Para muitos, foi “mais do que uma forma organizacional”, foi “uma cultura” que promoveu novas relações afetivas e solidariedade comunitária (Sitrin 2006, 49). Essa cultura de abertura e rejeição do dogma poderia até mesmo afetar a consolidação do horizontalismo como uma entidade fixa, uma vez que, como argumentou o Colectivo Situaciones Argen-

tino, “Horizontalidad [não] deve ser pensada como um novo modelo, mas a horizontalidad implica que não há modelos... Horizontalidad é a normalização da multiplicidade ... O risco é que a horizontalidad pode nos silenciar, barrar nossas questões, e se converter em uma ideologia”(Sitrin 2006, 55).

Os relatos de Sitrin reunidos dos participantes diretos da revolta argentina demonstram que, para muitos, o horizontalismo talvez fosse uma ideologia anti-ideológica composta de uma mistura fluida de valores e práticas flexíveis, participativas, não-dogmáticas, orientadas em torno do consenso, do federalismo e do autogestão. No entanto, essas atitudes e perspectivas surgiram em vários grupos e movimentos diferentes muito antes de estarem associados ao termo “horizontalismo”. Em *Igualdade Injusta: Anarquismo dos EUA no século XX*, Andrew Cornell (2016) demonstra como os remanescentes difusos do anarquismo do início do século XX, que estavam cada vez mais inclinados ao pacifismo e à vanguarda nas décadas de 1940 e 1950

forneceu teorias, valores, táticas e formas organizacionais, que os ativistas dos movimentos antiguerra, contracultural e feminista adotaram [nas décadas seguintes]; por sua vez, esses movimentos de massa radicalizaram centenas de milhares de pessoas, uma parte das quais adotou o anarquismo como sua perspectiva ideológica. (245)

A destruição do movimento anarquista americano em meados do século e a polarização da Guerra Fria levaram muitos anarquistas americanos a experimentar novas táticas e estratégias. Isso incluiu o consenso, que foi usado pela primeira vez por anarquistas americanos na organização antiguerra radical Peacemakers no final dos anos 1940 (Cornell 2016, 180–181). Mais de uma década depois, o consenso foi introduzido na organização de direitos civis Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC) pelo organizador do Peacemaker, James Lawson (Cornell 2016, 229; Carmichael 2003, 300). Essa influência levou Estudantes para uma Sociedade Democrática (SDS) e

outros grupos para as décadas de 1970 e 1980, onde a New Hampshire Clamshell Alliance foi pioneira no uso de coletivos ativistas e grupos de afinidade no movimento antinuclear, círculos feministas de conscientização experimentaram organização não-hierárquica, e o Movimento para uma Nova Sociedade (MNS) incorporou os métodos de consenso da Quaker (Farrell 1997, 241; Anarcho-Feminism 1977; Cornell 2011). Durante as mesmas décadas, tendências semelhantes estavam em jogo na Europa, com elementos dos movimentos feministas, antinucleares e autônomos (Katsiaficas, 1997). A tradição que esses grupos forjaram foi adotada por grupos subsequentes, como o ACT UP, o ambientalista radical Earth First!, Food Not Bombs e outros alimentando o movimento de justiça global na virada do século XXI (Gould 2009; Wall 2002; McHenry 2012). Os movimentos das praças da Primavera Árabe, 15M, Occupy, Gezi Park, Nuit Debout e outros foram em parte um recomeço das assembleias, coletivos, grupos de afinidade e ações diretas do movimento de justiça global orientadas em torno de um espaço geográfico específico na forma da praça. Outros foram influenciados pelo conceito de organização rizomática apresentado por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1987; Chalcraft 2012; Anderson 2013). Enquanto as práticas específicas desses grupos e movimentos variavam,

seu investimento em deliberação, construção de consenso, participação individual, diversidade, novas tecnologias e engajamento criativo se coloca como um contraponto autoconsciente a modelos doutrinários e hierárquicos de mobilização, e sectarismos religiosos, polarizando os debates sobre a identidade nacional e até formas representativas de democracia. (Anderson 2013, 154)

A oposição horizontalista à democracia representativa geralmente vem na forma de tomada de decisão por consenso. Em vez de formular uma proposta e simplesmente se preocupar em acumular votos suficientes para aprová-la, o consenso exige que os participantes levem as preocupações da minoria a sério e apresentem propostas para suas perspectivas. A ideia não é que todos tenham que concordar o

tempo todo (um espantalho apresentado como retrato do consenso), mas sim que a maioria é forçada a fazer concessões à minoria e, para o grupo funcionar, a minoria deve se acostumar a tolerar as decisões que considera menos que ideais. O consenso busca promover não apenas a prática formal de assegurar que as propostas satisfaçam a minoria, mas mais profundamente, um senso de unidade dentro do grupo e uma cultura de cuidado que pode facilmente ser pisoteada na busca de uma maioria de votos. Essa forma de tomada de decisão funciona melhor quando todos os membros de um grupo têm um senso de propósito compartilhado. Quando isso não acontece, o processo acaba. Por exemplo, o Occupy Wall Street implementou um consenso modificado, exigindo apenas 90% em vez de 100% de concordância, para fornecer um pouco de espaço para essas ocasiões. No entanto, quando os membros de um órgão trabalham com objetivos cruzados, leva apenas 11% para encerrar os objetivos dos outros 89%. Occupy Wall Street e muitos dos movimentos de outras praças encontrou tais problemas ao incorporar espontaneamente milhares de indivíduos aleatórios em seus órgãos de decisão. Mesmo quando o consenso é praticado por um grupo coeso com um propósito comum, ele carrega uma tendência inerente ao status quo, dificultando a aprovação de uma proposta ou resolução. Como observou George Lakey, do Movimento para uma Nova Sociedade, “o consenso pode ser uma influência conservadora, sufocando as perspectivas de mudança organizacional” (Cornell 2011, 47). Claramente, o consenso acarreta várias armadilhas, mas o mesmo acontece com a votação majoritária. Em última análise, é muito difícil navegar em conflitos, e é por isso que anarquistas dão uma ênfase tão grande à associação voluntária (e, conseqüentemente, à desassociação voluntária). Às vezes, a única solução é que dois grupos sigam caminhos separados, em vez de forçá-los a coexistir.

Muitos dos defensores mais enérgicos do horizontalismo veem isso como meios e fins agrupados em um conjunto unificado de práticas e valores. Nessa perspectiva, os valores informam práticas que mudam quando encontram circunstâncias variadas. Por sua vez, a hostilidade horizontalista ao “dogma” permite que os valores se ajus-

tem às necessidades das pessoas à medida que os contextos de movimento se transformam. O enfoque “não-ideológico”, “apolítico” do horizontalismo na forma, prática e resolução imediata de problemas em conflitos “sectários” de larga escala dotou essa tendência historicamente específica de uma portabilidade e adaptabilidade que lhe permitiu florescer em contextos tão diferentes quanto a Grécia rural e a baixa Manhattan, Istambul e Hong Kong. Não é novidade que a política que sustenta o horizontalismo variou drasticamente. Isso não é problemático se não houver um objetivo predeterminado; se alguém adere à noção liberal a que me referi em outro lugar como “neutralidade do resultado” (Bray 2014). No entanto, o anarquismo sempre foi muito mais do que a democracia direta; é uma ideologia socialista revolucionária baseada em políticas anti-dominação, bem como em práticas não hierárquicas.

Anarquismo e Horizontalismo

As respostas anarquistas ao crescimento do horizontalismo popular variaram de euforia a nojo, com muitos no meio. Aqueles que foram mais entusiastas viram os movimentos horizontalistas como oportunidades para a promoção em massa da política não hierárquica, enquanto os críticos os viam como traições de princípios verdadeiramente horizontais, especialmente quando se aventuravam no eleitoralismo. Há uma série de respostas anarquistas à horizontalismo, como os exemplos abaixo da Espanha, dos Estados Unidos e da Turquia demonstrarão.

O federalismo² compartilhado do anarquismo e horizontalismo pode ser rastreado até o século XVIII. Embora seja possível traçar ainda mais, em termos da história do socialismo, faz sentido começar com a influência da ditatorial “república da virtude” jacobina durante a Revolução Francesa, que foi pioneira em elementos de planejamento central e recrutamento moderno. Nas décadas seguintes, o movimento republicano europeu foi dividido entre os jacobinos e seus simpatizantes, que ansiavam por um renovado “reinado de terror” e republicanos federais que ficaram horrorizados com as consequências sangrentas da autoridade centralizada, mesmo nas mãos dos republicanos, e em vez disso defendia a autonomia local e regional. Não é novidade que muitos dos primeiros discípulos das obras anti-autoritárias de Proudhon e Bakunin começaram suas vidas políticas como republicanos federais, enquanto muitos marxistas aclamaram a ditadura jacobina como uma prévia da ditadura desejada do proletariado (Zimmer 2015, 73; Esenwein 1989, 16–17; Maura 1975, 68; Toledo e Biondi 2010, 365; Lenin 1975; Mayer 1999). Anarquistas avançaram a oposição republicana federal à centralização, formando uma crítica ao Estado, federal ou centralizada, e desenvolvendo modos de luta e

2 Uso os termos “federal” e “federalismo” para me referir a formas de organização amplamente descentralizadas. Certamente, o uso anarquista dos termos “federação” ou “confederação” para descrever suas organizações, como a Federação Anarquista na França e na Bélgica ou a Confederación Nacional del Trabajo na Espanha, implica um maior nível de descentralização do que o Estado federal defendido pelos republicanos federalistas. No entanto, há uma tendência compartilhada.

métodos de auto-organização que refletem o mundo que eles procuravam criar. A maioria dos marxistas rejeita a noção de que qualquer coisa que se aproxima do comunismo possa ser decretada em uma sociedade capitalista e, portanto, concluem que a forma que uma organização ou partido toma é apenas de valor instrumental. Para os marxistas-leninistas, por exemplo, isso equivale essencialmente à posição de que é aceitável que um partido de vanguarda atue no melhor interesse do proletariado – agir como o proletariado supostamente agiria se já tivesse atingido plena consciência de classe – desde que o mesmo resultado final do comunismo seja finalmente alcançado (embora, é claro, nunca tenha sido). Para a maioria dos anarquistas, entretanto, a sociedade do futuro refletirá inevitavelmente os valores, princípios e práticas que foram introduzidos.

Para entender como anarquistas tentaram colocar essa ideia em prática pré-figurativa, é importante distinguir entre o que David Graeber (2002) e outros passaram a chamar de anarquismo “com A maiúsculo” e “com A minúsculo”. Embora a lacuna que separa as duas tendências seja muitas vezes superestimada, a distinção pode nos ajudar a identificar a conexão entre o consenso e a tomada de decisões por maioria e as áreas de sobreposição que existem entre o anarquismo e o horizontalismo. Os grupos anarquistas que Graeber se referiu como anarquistas “com A maiúsculo” são muito mais autoconscientemente influenciados pelo legado do anarquismo “clássico” (de aproximadamente 1860 a 1940). Eles tendem a se concentrar na construção de grandes organizações federalizadas, como sindicatos anarcossindicalistas ou federações comunistas anarquistas, que operam por maioria de votos com um forte foco na luta de classes e resistência de massas. Historicamente, essas organizações operaram através da federação de sindicatos locais ou grupos políticos em órgãos regionais, nacionais e até mesmos internacionais que operam por maioria de votos, conforme realizado por delegados mandatários revogáveis. Ao contrário da democracia parlamentar, na qual os representantes eleitos decidem em nome de seus constituintes, os delegados anarquistas só têm o poder de expressar a perspectiva de seu sindicato ou localidade. O poder legislativo permanece no nível básico enquanto permite a au-

togestão coletiva aumentar. Isso não significa que tais sistemas se tornem hierárquicos, em vez disso, permitem que os órgãos de tomada de decisões locais se coordenem em grandes regiões. Ultimamente o consenso tornou-se tão onipresente em certos círculos horizontalistas / anarquistas que alguns não percebem que a maioria dos anarquistas ao longo da história implementaram o voto majoritário.

Os anarquistas que Graeber se referiu como anarquistas “com A minúsculo” são geralmente aqueles cujo anarquismo surgiu das correntes antiautoritárias e contraculturais da era da Guerra Fria ao invés do anarquismo “clássico”. Eles tendem a criar grupos e coletivos menores, menos formalmente estruturados, que operam por consenso, associados a meios mais contraculturais, e se concentram em políticas não-classistas, como o ambientalismo ou o feminismo. Os coletivos anarquistas “com A minúsculo” são essencialmente exemplos de horizontalismo de pequena escala imersos na política anarquista. Isto não é surpreendente considerando-se o fato de que o horizontalismo e o anarquismo “com A minúsculo” surgiram da mesma constelação de grupos não-hierárquicos, voltados ao consenso surgidos do pós-guerra como discutimos acima, e anarquistas “com A minúsculo” estavam entre os organizadores originais de muitas manifestações recentes de horizontalismo popular. Isso demonstra que, até certo ponto, o horizontalismo surgiu de certas linhagens do anarquismo. Eles se separam, no entanto, quando a prática horizontal é divorciada de políticas antiautoritárias. Certamente alguns anarquistas acabaram por abandonar os movimentos horizontalistas que ajudaram a criar porque supostamente se afastaram em uma direção popular e/ou reformista para longe dos projetos mais intencionais e explicitamente radicais que alguns de seus primeiros organizadores tinham imaginado. No entanto, os anarquistas pró-movimento de massas (sejam de orientação “menor” ou não) continuaram a desempenhar papéis importantes nos movimentos horizontalistas porque os veem como oportunidades para promover elementos da política anarquista em larga escala.

Eu estava certamente entre aqueles que se juntaram ao Occupy Wall Street para promover a agenda não hierárquica do movimento e infundi-la com mais conteúdo anarquista, mantendo seu apelo popular. Defendi essa abordagem em meu livro *Translating Anarchy: The Anarchism of Occupy Wall Street*, onde documentava como 72% dos organizadores do OWS na cidade de Nova York tinham políticas explícita ou implicitamente anarquista (Bray 2013). Para esses organizadores anarquistas (ou anárquicos) e seus correspondentes em outros movimentos, o movimento horizontalista é um espaço amplo e dinâmico onde as lutas populares podem interagir com a política revolucionária, idealmente mudando através de tal aparição. Tais lutas são oportunidades para os anarquistas reivindicarem o manto da democracia e ataquem o que consideram ser a fraude do governo hierárquico, capitalista e representativo. Nos Estados Unidos, por exemplo, anarquistas tiveram alguns de seus maiores sucessos conquistando liberais e centristas sobre suas ideias argumentando que a democracia direta não hierárquica é a única democracia verdadeira. Em um país onde o ideal, se não a prática real, da democracia é universalmente reverenciado, tais argumentos podem atingir um acorde popular.

No entanto, nem todos os anarquistas estão igualmente encantados com os movimentos dos Occupy. Alguns anarquistas rejeitaram Occupy porque seu acampamento local era realmente reformista (a política dos muitos acampamentos do Occupy era amplamente) ou porque eles eram hostis à política popular que não era explicitamente anarquista (Bray 2013, 168). Na Espanha, por exemplo, muitos anarquistas apoiaram e participaram de seu movimento 15M por razões similares às dos anarquistas do Occupy, mas um número significativo reteve seu total apoio porque consideravam o movimento reformista (Taibo 2011; 2014). Mesmo quando alguns sindicatos anarquistas queriam apoiar uma marcha 15M, por exemplo, eles ficaram frustrados com a recusa do movimento de ter sindicatos e partidos marcharem com suas bandeiras, o que resultou do desejo da 15M de permanecer “não-sectária”.

Outro elemento interessante da relação entre o 15M e os anarquistas espanhóis é que eles geralmente não tentam recuperar o manto da “democracia” dos partidos políticos e do governo. Por exemplo, um canto popular do 15M diz: “Eles chamam isso de democracia e não é”. Uma vez, no entanto, eu estava marchando perto de um grupo de anarquistas que cantavam sarcasticamente “Eles chamam isso de democracia, e é!” Aqui, a intenção do canto é convencer os ouvintes de que a corrupção e o desrespeito pelas massas que simbolizavam o governo é inerente à sua própria natureza. De uma perspectiva anarquista, é isso que a “democracia” governamental é e sempre será. Em parte, isso decorre da popular associação entre o regime parlamentar pós-franquista e o termo “democracia”. Para muitos espanhóis, o governo que está no poder desde os anos 1970 é “a democracia” e, portanto, o termo tem um significado mais específico do que nos Estados Unidos, onde é entendido mais como um método de tomada de decisão igualitário que o governo supostamente incorpora.

Em 2013, os espanhóis *Grupos Anarquistas Coordenados* publicaram um livreto chamado *Contra la Democracia* (Contra a Democracia). Este livro causou grande agitação na Espanha em dezembro de 2014, quando foi citada como evidência para apoiar a prisão na Catalunha e em Madri de onze pessoas da Espanha, Itália, Uruguai e a Áustria acusada de ser membro do que o Estado alegou ser “uma organização terrorista de natureza anarquista” responsável por “vários atentados a bomba” (“Policía Catalã” 2014). No que veio a ser conhecido como Operação Pandora, sete dos onze originais foram detidos sob acusação de terrorismo porque tinham contas de e-mail no “*Riseup.net*”, possuíam cópias de *Contra la Democracia* e foram encontradas com uma lata de gás de acampamento. Mais tarde, o anarquista chileno Francisco Javier Solar, que acabou sendo condenado com a colega chilena Mónica Ca ballero ³ de plantar uma bomba na Basílica de Pilar, em Saragoça, em 2013, negaram as acusações de serem um dos principais autores do texto (Pérez 2016).

3 N.T.: Em 2020, Mónica e Francisco foram novamente presos e enfrentam de 30 a 130 anos de prisão sob acusação de plantar bombas contra forças de segurança chilenas. Para saber mais e prestar solidariedade, visite: buscandolakalle.wordpress.com

Dada a importância que as autoridades atribuem a este texto, pode-se supor que é um manual de fabricação de bombas sanguíneas, mas, na verdade, é simplesmente uma análise histórica e crítica da democracia. A introdução do livro conclui argumentando que “Se acreditamos que a democracia é liberdade, nunca deixaremos de ser escravos. Vamos desmascarar essa grande mentira! Construiremos anarquia”(Grupos Anarquistas Coordenados 2013, 8). Posteriormente, em sua única referência aos 15M, o texto ataca o movimento, porque “pede reformas eleitorais que beneficiem os pequenos partidos políticos... propaga o cidadanismo (ciudadanismo) como ideologia; uma ‘democratização’ da polícia... [e] a pacificação total dos conflitos através da mediação e delegação de um corpo de profissionais de serviços sociais”(Grupos Anarquistas Coordenados 2013, 68). No entanto, apesar dessas críticas à “democracia” e aos 15M, os autores deste texto não são contra todas as organizações diretamente democráticas. Eles advogam a criação de redes de centros sociais, escolas livres e outros órgãos “para construir uma nova sociedade capaz de autogerenciar livremente (o único sentido real que o termo ‘democracia’ poderia ter)...” (Grupos Anarquistas Coordenados 2013, 66). Isso, é claro, é exatamente o que os anarquistas que clamam pela verdadeira democracia direta têm em mente. Contra la democracia nos mostra que, embora muitos anarquistas na Espanha e em outros lugares possam ter uma visão muito semelhante da futura autogestão de uma sociedade pós-capitalista, alguns acham estrategicamente útil lutar para reivindicar a “democracia” enquanto outros procuram descartar permanentemente isto.

Grande parte da relutância dos anarquistas em se envolver no movimento espanhol 15M e outros movimentos têm a ver com a tendência predominante dos movimentos de massa horizontalistas para serem desviados para políticas eleitorais não horizontais. O fascínio do governo representativo é tão poderoso que, embora os primeiros movimentos possam proclamar “*Que se vayan todos!*” (“Livre-se de todos eles!”) Na Argentina ou “*Que no nos representan!*” (“Eles não nos representam!”) na Espanha, frequentemente esses gritos são transformados em apelos para que o horizontalismo seja estendido para o

escritório através das urnas. Muitas vezes, tais argumentos são redigidos em termos da perspectiva de que, após a onda inicial de protestos ter aumentado a conscientização sobre uma questão, o que é necessário é a transição para o “trabalho sério de fazer mudanças concretas” através do governo. Na Espanha, o partido mais importante que cresceu a partir dos 15M foi o Podemos que formou coalizões eleitorais com outros partidos e plataformas similares como *Barcelona em Comú* (Barcelona em Comum) e *Ganemos Madrid* (Vamos vencer em Madri) que pede a promoção do “municipalismo democrático” e a criação de estruturas políticas que sejam “democráticas, horizontais, inclusivas e participativas...” (Ganemos Madrid 2016). Sua retórica é repleta de referências horizontalistas à “autonomia” e à “autogestión” (autogestão). Eles essencialmente afirmam estar fundindo o espírito e os ideais da assembleia horizontalista com a lamentável “necessidade” de assumir cargos no Estado. Além disso, eles abraçam totalmente o antagonismo do horizontalismo em relação à ideologia formal, rejeitando o binário esquerda/direita e evitando as armadilhas usuais do esquerdismo. No entanto, dentro de um ano, o Podemos já havia moderado drasticamente sua plataforma para atender ao centro eleitoral, alienando assim vários líderes mais esquerdistas do partido que mais tarde renunciaram (“Espanha no topo das pesquisas” 2014; Hedgcoe 2016). Após as eleições de junho de 2016, o líder do Podemos, Pablo Iglesias, anunciou que era hora de seu partido horizontalista não convencional se tornar “normalizado” e entrar numa fase “de política muito mais convencional”. Chegou mesmo a argumentar que “essa idiotice que costumávamos dizer quando éramos da extrema esquerda de que as coisas mudam na rua e não nas instituições é uma mentira” (Ríos 2016).

Anarquistas turcos também formularam críticas ao horizontalismo. Enquanto o movimento de ocupação do Parque Gezi de 2013 na Praça Taksim de Istambul se desenvolvia, a organização anarquista turca Devrimci Anarsist Faaliyet (Ação Anarquista Revolucionária, DAF) distribuiu centenas de cópias de um panfleto que haviam escrito, chamado “Uma crítica anarquista do ‘Occupy’ como uma atividade dos ‘99%’”. O panfleto procurou diagnosticar o que o grupo per-

cebeu ser o reformismo e a despolitização do Occupy. Argumentou que as táticas do Occupy “usaram um discurso libertário, mas estão muito longe de praticá-lo...” e, em vez disso, o movimento tendia, aos seus olhos, “a consumir conceitos como ocupar, democracia direta, liberdade, ação etc.” Enquanto o panfleto contém muitas críticas perspicazes do Occupy, certos elementos da análise dos autores sofreram com a distância extrema que os separava dos eventos no solo. Em uma reunião com vários dos autores do panfleto, anos depois, no escritório da DAF em Istambul, tive a oportunidade de responder às suas perguntas e esclarecer alguns equívocos que eles e muitos outros haviam desenvolvido sobre o Occupy Wall Street através da imprensa e falar sobre a centralidade organizadores anarquistas. No entanto, o cerne de sua crítica sobre a aplicação errônea de princípios libertários aplicados a muitos (se não a maioria) dos acampamentos no Occupy e movimentos horizontalistas em geral. Apesar da presença da DAF e seu panfleto, o movimento do Parque Gezi também sofreu desmembramentos eleitorais, como o Partido Gezi. Buscando permanecer fiel ao horizontalismo do movimento, o partido alegou que seus líderes só atuariam como “porta-vozes” (“Official Gezi Party” 2013).

Desdobramentos semelhantes ocorreram durante o movimento Occupy nos Estados Unidos, se não fosse pela limitação do sistema de bipartidário. No entanto, muitos anos depois, muitos ex-ocupantes fizeram campanha por Bernie Sanders em sua tentativa fracassada de candidatura presidencial do Partido Democrata. Certamente, muitos dos que participaram do Occupy antes de apoiar Sanders eram simplesmente esquerdistas que pulavam de uma manifestação de populismo de esquerda para a outra, sem qualquer lealdade (ou conhecimento) com relação ao horizontalismo. Outros, no entanto, tentaram argumentar que a campanha de Sanders era uma extensão do Occupy. Isso foi manifestado em um artigo intitulado “Ocupar o Partido” do coletivo *Not An Alternative* que apelou aos ex-ocupantes para tratar a campanha “como qualquer rua ou parque e ocupá-la” (Not An Alternative 2016). Em nome do populismo pragmático, este artigo procurou drenar o termo “ocupar” suas associações com a ação direta, a democracia direta, a “falta de líder”, e política revo-

lucionária para convencer os leitores de que ela pode ser usada como uma abreviação cativante para se engajar no culto da personalidade se desenvolvendo em torno de um social-democrata moderado que tenta se intrometer em um partido político capitalista e estratificado. De uma perspectiva anarquista, parques e ruas são um terreno de luta que pode ser ocupado porque políticas de ação direta não hierárquicas podem ser transplantadas para elas. Trabalhar dentro de partidos políticos, especialmente aqueles como o Partido Democrata, exige abandonar essas práticas e incorporar-se à estrutura partidária. Como o organizador do Movimento de Solidariedade dos Trabalhadores Irlandeses, Andrew Flood (2014) argumentou em seu ensaio “Uma crítica anarquista do horizontalismo”, “horizontalismo sem visão e método para revolução simplesmente fornece forragem de protesto atrás do qual um governo pode ser substituído por outro”. De fato, muitos organizadores anti-horizontais têm estado perfeitamente dispostos a alegrar as “peculiaridades” diretamente democráticas dos movimentos horizontalistas enquanto aguardam a oportunidade de converter as revoltas populares em “forragem de protesto” para objetivos reformistas ocultos nas imagens da rebelião.

Conclusão

Os debates sobre a participação eleitoral nos movimentos horizontalistas são apenas as últimas rodadas de um conflito que tem desafiado o movimento socialista mais amplo desde o século XIX. Embora sua posição tenha mudado várias vezes, desde que Proudhon defendeu a abstenção eleitoral em 1857 em resposta ao autoritarismo de Napoleão III, os conflitos pelo eleitoralismo se alastraram (Graham 2015, 62). Historicamente, os anarquistas se opuseram à participação parlamentar por várias razões, incluindo sua oposição à natureza hierárquica da representação, sua rejeição da noção social-democrata de que é possível votar fora do capitalismo (uma meta que os social-democratas acabaram descartando), e seu argumento de que, como Mikhail Bakunin expressou, “trabalhadores-deputados, transplantados para um ambiente burguês... deixarão, de fato, de ser trabalhadores e, tornando-se estadistas, eles se tornarão ... talvez até mais burgueses do que os próprios burgueses” (citado em Graham 2015, 116).

Em 1979, um grupo de radicais alemães tentou contornar a dicotomia dos partidos operários socialistas e do abstencionismo anarquista de criar um “anti-partido” não hierárquico que operaria baseado em consenso e rotacionaria seus representantes para preservar seu compromisso com a democracia direta. Essa tentativa de inserir o horizontalismo nas urnas foi chamada de Partido Verde. Apesar das melhores intenções, os conflitos internos e os chamados “realistas” por “pragmatismo” condenaram o partido assim que ele entrou no parlamento. Em menos de uma década, tornou-se simplesmente outro partido de esquerda (Katsiaficas 1997, 205–208).

Na esteira do conflito sectário do século XX, muitos radicais encontraram refúgio na ideologia anti-ideológica do horizontalismo. No entanto, como podemos ver, muitas vezes é insuficiente para garantir resultados verdadeiramente horizontais e não hierárquicos. Mesmo separados do eleitorado, os movimentos horizontalistas às vezes lutam para neutralizar a invasão de tendências patriarcais, homofóbicas, transfóbicas, supremacistas brancas e tendências capazes

que inevitavelmente surgem quando amplas faixas da sociedade são subitamente reunidas. Ainda posso ouvir o refrão comum de muitos homens brancos em Occupy Wall Street de que “perdemos de vista Wall Street” como nosso foco principal quando falamos sobre raça ou gênero. Movimentos horizontalistas disseminam noções de democracia direta, ação direta, ajuda mútua e autonomia em toda parte. Isso é incrivelmente importante na medida em que influenciam culturas mais amplas de resistência e se estendem além do alcance padrão da maior parte do radicalismo. Como as ideologias políticas são apenas digeridas por seus militantes mais comprometidos, a mudança de sentimentos e práticas políticas em contextos de massa é essencial. No entanto, a confiança horizontalista na forma sobre o conteúdo corre o risco de produzir um populismo confuso que é facilmente redirecionado para longe de suas origens não hierárquicas. Como o trabalho de Michael Freeden (1996) sugere, o significado do horizontalismo muda dependendo de seu conteúdo político. De uma perspectiva anarquista, isso ilustra o valor da análise holística do anarquismo sobre a interrelação de todas as formas de dominação e a interconectividade das formas de autogestão e seus resultados políticos. Enquanto eles diferiam nos detalhes, anarquistas de Mikhail Bakunin a Errico Malatesta, de Nestor Makhno aos criadores da Federação Anarquista Ibérica (FAI) na Espanha concordaram com a necessidade de anarquistas se envolverem coletivamente com movimentos de massa para disseminar suas visões políticas verdadeiramente horizontais.

Referências

- Anarcho-Feminism from Siren and Black Rose: Two Statements. 1977. London: Black Bear.
- Anderson, Charles W. 2013. "Youth, the 'Arab Spring,' and Social Movements." *Review of Middle East Studies* 47(2): 150–156.
- Bray, Mark. 2013. *Translating Anarchy: The Anarchism of Occupy Wall Street*. Winchester, UK: Zero Books.
- Bray, Mark. 2014. "Five Liberal Tendencies that Plagued Occupy." *Roar Magazine*, May 14. roarmag.org.
- Carmichael, Stokely, with Ekwueme Michael Thelwell. 2003. *Ready for Revolution: The Life and Struggles of Stokely Carmichael (Kwame Ture)*. New York: Scribner.
- "Catalan Police Take Down Anarchist Terror Group in Barcelona and 1,000 Supporters March in Protest." 2014. *The Spain Report*, December 16. www.thespainreport.com/articles/91-141216201022-catalan-police-take-down-anarchist-terror-group-in-barcelona-and-1-000-supporters-march-in-protest.
- Chalcraft, John. 2012. "Horizontalism in the Egyptian Revolutionary Process." *Middle East Report* 262: 7.
- Cornell, Andrew. 2011. *Oppose and Propose!: Lessons from Movement for a New Society*. Oakland, CA: AK Press.
- Cornell, Andrew. 2016. *Unruly Equality: U. S. Anarchism in the 20th Century*. Oakland, CA: University of California Press.
- Deleuze, Gilles, and Felix Guattari. 1987. *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Esenwein, George R. 1989. *Anarchist Ideology and the Working-Class Movement in Spain, 1868–1898*. Berkeley: University of California Press.
- Farrell, James J. 1997. *The Spirit of the Sixties: The Making of Pos-*

- twar Radicalism. New York: Routledge.
- Flood, Andrew. 2014. "An anarchist critique of horizontalism." Anarchist Writers, May 2. anarchism.pageabode.com.
- Freeden, Michael. 1996. *Ideologies and Political Theory: A Conceptual Approach*. Oxford: Clarendon. Ganemos Madrid. 2016. "Organización." ganemosmadrid.info/nograma/
- Graeber, David. 2002. "The New Anarchists." *New Left Review* 13 (January-February): 61–73. Graham, Robert. 2015. *We Do Not Fear Anarchy, We Invoke It: The First International and the Origins of the Anarchist Movement*. Oakland, CA: AK Press. Grupos Anarquistas Coordinados. 2013. "Contra la democracia." es-contrainfo.espivblogs.net/files/2014/07/contra-la-democracia.pdf.
- Gould, Deborah B. 2009. *Moving Politics: Emotion and Act Up's Fight Against AIDS*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hedgecoe, Guy. 2016. "Podemos Leaders Under Pressure Over Resignations." *The Irish Times*, March 19. www.irishtimes.com/s-under-pressure-over-resignations-1.2579053.
- Katsiaficas, George. 1997. *The Subversion of Politics: European Autonomous Social Movements and the Decolonization of Everyday Life*. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press. Lenin, V. I. 1975. "Enemies of the People." In *The Lenin Anthology*, edited by Robert C. Tucker, 305–306. New York: W.W. Norton & Company.
- Maitron, Jean. 1992. *Le mouvement anarchiste en France: Des origines à 1914*. Paris: Gallimard.
- Maura, Joaquin Romero. 1975. *La rosa de fuego: el obrerismo barcelonés de 1899 a 1909*. Barcelona: Ediciones Grijalbo.
- Mayer, Robert. 1999. "Lenin and the Jacobin Identity in Russia." *Studies in East European Thought* 51(2): 127–154.
- McHenry, Keith. 2012. *Hungry for Peace: How You Can Help End Poverty and War with Food Not Bombs*. Tucson: See Sharp Press.
- Not An Alternative. 2016. "Occupy the Party: The Sanders Campaign as a Site of Struggle."

- Roar Magazine, February 16. roarmag.org.
- “Official Gezi Party Founded After Summer Protests.” 2013. Hurriyet Daily News, October 24. www.hurriyetdailynews.com/ests.aspx?PageID=238&NID=56754&NewsCatID=338.
- Pérez, Fernando J. 2016. “Los anarquistas chilenos se desligan de la bomba en el Pilar de Zaragoza.” *El País*, March 8. politica.elpais.com/d/1457428132_007140.html.
- Ríos, Daniel. 2016. “Iglesias anuncia el findel‘asalto’ yelintento...” *infolibre*, July 6. www.infolibre.es/quot_busca_convertir_podemos_una_fuerza_politica_quot_normalizada_quot_52046_1012.html.
- Sitrin, Marina, ed. 2006. *Horizontalism: Voices of Popular Power in Argentina*. Oakland, CA: AK Press.
- Spain’s Poll-Topping Podemos Tones Down Radical Plans in Manifesto. 2014. Reuters, November 28. www.reuters.com/20141128.
- Taibo, Carlos. 2011. *El 15-M en sesenta preguntas*. Madrid: Catarata.
- Taibo, Carlos. 2014. *El 15-M. Una brevísima introducción*. Madrid: Catarata.
- Toledo, Edilene, and Luigi Biondi. 2010. “Constructing Syndicalism and Anarchism Globally: The Transnational Making of the Syndicalist Movement in São Paulo, Brazil, 1895–1935.” In *Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870–1940: The Praxis of National Liberation, Internationalism, and Social Revolution*, edited by Steven Hirsch and Lucien Van der Walt, 363–393. Leiden: Brill.
- Wall, Derek. 2002. *Earth First! and the Anti-Roads Movement: Radical Environmentalism and Comparative Social Movements*. London: Routledge.
- Zimmer, Kenyon. 2015. *Immigrants Against the State: Yiddish and Italian Anarchism in America*. Urbana: University of Illinois Press.



O
ESTADO
MATA

faccasficticia.noblogs.org

Neste artigo, Bray relaciona uma série de movimentos globais, desde assembleias de bairros de massa na Argentina, ao movimento das praças na Europa e Occupy Wall Street até várias concepções políticas de poder, construção de movimentos e política eleitoral. Ele começa traçando uma distinção entre o horizontalismo como uma forma específica de mobilização popular que surgiu recentemente e, mais amplamente, as práticas de organização de estilo horizontal. A partir disso, ele aponta que enquanto o anarquismo é horizontal em sua abordagem de organização e construção de movimento, o horizontalismo é muito mais fluido, “não ideológico”, e se presta a direções decididamente não horizontais de organização eleitoral – política que o anarquismo tradicionalmente contrastaram e faz oposição.

– *Black Rose Federation*

